

SOUZA, Luiza Monteiro e. **Escritura-dança de processo criativo por meio da invenção e combinação de movimentos**. Belém. Programa de Pós-graduação em Artes da UFPA. Instituto de Ciências das Artes, Universidade Federal do Pará. Discente, doutoranda, Ana Flávia Mendes Sapucahy.

RESUMO: Inspirada na ideia de *pensamento-dança* (MUNHOZ, 2011) e na práxis artística da *dança imanente* (MENDES, 2010), este texto sugere compreendermos a dança sob a forma de escrita, mais precisamente o processo de criação em dança como possível de ser escrito, expresso, comunicado, por meio de uma escritura-dança. Para tanto, o movimento e a dança são utilizados como metáfora para a escritura de um texto poético, tão inventado, inventivo, movido e motriz quanto as possibilidades de movimento geradas pelo corpo humano em dança. Objetivando inventar movimentos de processo para a produção de uma escrita dançada, a metodologia para a produção textual de minha pesquisa de doutorado vem convocando a compreensão de escrita memorial em/de processo na qualidade de escritura em movimento, a qual é o próprio desvelar, desenvolver, desenrolar do processo de criação da pesquisa em artes. Neste sentido, a escritura-dança justifica-se como uma escritura memorial de processo criativo em dança por meio da invenção e combinação de movimentos revelados na medida em que o processo se desenvolve sem a preocupação de obediência a códigos de escrita acadêmicos/formais, mas sim àqueles que sejam inerentes à própria natureza inventiva do processo, seja ele em sua dominante prática (corporal) ou teórica (textual).

PALAVRAS-CHAVE: dança, processo de criação, memorial, escritura, escritura-dança

### **Writing-dance of creative process by means of invention and combination of movements**

ABSTRACT: Inspired by the idea of thought-dance (MUNHOZ, 2011) and the artistic praxis of immanent dance (MENDES, 2010), this text suggests that we understand dance in the form of writing, and more precisely, the process of creation in dance as possible to be written, expressed, communicated, through a writing-dance. Therefore, movement and dance are used as a metaphor for the writing of a poetic text, as invented, inventive, moved and motive as the possibilities of movement generated by the human body in dance. Aiming to invent process movements for the production of a danced writing, the methodology for the textual production of my doctoral research has been summoning the understanding of memorial writing in / of process in the quality of writing in movement, which is itself the unveil, the develop, the unrolling of the process of creating research in arts. In this sense, writing-dance is justified as a memorial writing of creative process in dance through the invention and combination of movements revealed as the process develops, without the concern of obedience to academic / formal writing codes, but to those who are inherent in the very inventive nature of the process, whether is in its dominant practice (bodily) or theoretical (textual).

KEYWORDS: dance, process of creation, memorial, writing, writing-dance

## **A escrita memorial e o processo de criação em artes: a produção de movimentos de processo, movimentos de uma escritura em movimento**

Este artigo é parte do processo de criação de minha pesquisa de doutorado, a qual aborda a gestação e encenação da nova poética cênica da Companhia Moderna de Dança – CMD, Belém/PA.

A respeito de minhas implicações artísticas na área da dança, estas datam de 2002 e desde então vinculo as motivações de artista e pesquisadora à trajetória da CMD, na qual atuo como bailarina e diretora artística. Com esta companhia venho propondo processos criativos desde sua fundação e por essa, dentre outras razões, danço e escrevo sempre acompanhada e entrelaçada às demais pessoas que comigo estiveram/estão/estarão neste coletivo, valendo-me da assertiva de que sou também aqueles que me fazem em companhia.

Sou pesquisadora da linha 1<sup>1</sup> do curso de doutorado em Artes do Programa de Pós-graduação em Artes da UFPA (PPGARTES/ICA/UFPA). Em se tratando dos estudos associados a esta linha, os pesquisadores encontram-se implicados em fenômeno de processo(s) e/ou poética(s) artística(s) existente(s) ou por vir(em). Diante deste contexto, a pesquisa pode vincular ou não sua expressão à poética artística, porém, não pode prescindir da feitura de material escrito para comunicá-la ao final dos estudos.

De acordo com as normas do regimento do ppgartes, o memorial é uma das possibilidades dada ao pesquisador da linha 1 como pré-requisito para a defesa de sua pesquisa. No entanto, não há qualquer indicação de formato pré-

---

<sup>1</sup> O Programa de pós-graduação em Artes da UFPA conta com 3 linhas de pesquisa: linha 1 (Poéticas e Processos de Atuação em Artes), linha 2 (Teorias e Interfaces Epistêmicas em Artes) e linha 3 (História, Crítica e Educação em Artes). No que diz respeito a linha 1, Poéticas e Processos de Atuação em Artes, esta congrega estudos prático-reflexivos relativos à produção e atuação artística, considerando-se a diversidade de expressões, linguagens, performances, espetacularidades, metodologias, suportes e tecnologias. A Linha de Pesquisa 1 é dedicada à pesquisa em Artes, com foco nas poéticas, nos modos de atuação, na construção e apresentação de uma obra artística - espetáculo, exposição, documentário, concerto, etc. - acompanhada de texto reflexivo. É a linha apropriada para o artista-pesquisador. As reflexões produzidas por artistas e por artistas-pesquisadores constituem embasamento importante (mas não exclusivo) nesta linha. (disponível em: <http://ppgartes.propesp.ufpa.br/index.php/br/programa/areas-de-concentracao-e-linhas-de-pesquisa>. Acessado dia: 20/11/2018).

estabelecido para a escritura deste memorial<sup>2</sup>, o que autoriza o pesquisador escolher à sua maneira os procedimentos, caminhos e estruturas da escrita sem necessidade de adequar-se aos formatos acadêmicos padrões exigidos tradicionalmente pela academia no que tange às normas de apresentação dos resultados processuais e finais do estudo.

Vale ressaltar que inúmeras discussões dentro das disciplinas relacionadas a linha 1, bem como diversas defesas de mestrands pesquisadores nesta linha, também já vem apontando o memorial como opção de conexão com a liberdade criativa dos processos pesquisados, reforçando na escrita memorial o caráter inventivo e apartado de fôrmas. A dificuldade de comunicação de processos criativos em arte em formatos textuais canônicos dentro da universidade tem gerado inúmeras incompatibilidades com as nuances dos fenômenos estudados. A esse respeito, Fernandes (2008, p. 01) comenta:

Como discorrer academicamente sobre uma obra criada durante a pesquisa de pós-graduação, sem sermos meramente descritivos ou externos a nossa própria obra cênica? Mesmo quando, tradicionalmente, temos uma estrutura pré-determinada a seguir, ainda persiste a sensação de fragmentação do “objeto” de estudo e da incapacidade de contemplar sua inteireza nos moldes acadêmicos. Por exemplo, podemos dividir a priori uma dissertação sobre um espetáculo em três capítulos, a saber: Dados históricos referentes àquela forma cênica, detalhamento das técnicas utilizadas no espetáculo, descrição e análise do processo criativo e do espetáculo em si. Mesmo assim, como traçar estes capítulos de forma não linear nem totalmente distanciada, e por onde começar a escrever?

A pesquisa em artes e suas diversas abordagens lidam com as instabilidades e multiplicidades dos processos de criação. A produção de um memorial cujo formato estrutural não se dá *a priori*, enfatiza e garante a autonomia do processo, da obra e do artista. Deste modo, “[...] é importante

---

<sup>2</sup> Art. 71. As Dissertações e Teses deverão ser apresentadas no modo previsto pelo Colegiado, segundo normatização definida pela PROPESP, devendo ser redigida obrigatoriamente em língua portuguesa, e conter resumos em língua portuguesa e em, pelo menos, uma das línguas previstas no processo seletivo ao qual o mestrando ou o doutorando se submeteu. § 1º As normas e critérios de apresentação da Dissertação ou Tese serão detalhadas em resolução normativa específica aprovada pelo Colegiado do Programa e poderão compreender: a) o modo tradicional, seguindo a estrutura clássica; b) o modo de agregação de artigos científicos completos concernentes ao tema da pesquisa desenvolvida, publicados em periódicos especializados com corpo editorial, permeados por um texto integrador; c) o modo híbrido, mesclando o modo clássico com o modo de artigos agregados, a critério do Colegiado; d) o modo de apresentação inédita de criação, recriação ou execução artística, acompanhada de memorial. (RESOLUÇÃO N. 4.829, DE 05 DE JULHO DE 2016, disponível em <http://ppgartes.propesp.ufpa.br/Republicar%204829%20Regimento%20PPGARTES.pdf>. Acessada em 20/11/2018).

ressaltar que a pesquisa em arte se constitui no pensamento do artista, sua posição em relação ao seu trabalho e a arte”. (GONÇALVES, 2009, p. 142).

A ausência de modelos para a construção do memorial nas pesquisas da linha 1 do ppgartes, vem possibilitando intrínseco envolvimento da escrita com as nuances criativas dos fenômenos investigados, de tal modo que os pesquisadores são instigados a promoverem relações estreitas do exercício da escrita com a própria materialidade emergente dos fenômenos artísticos estudados.

É possível afirmar que a tessitura do texto memorial se encontra permeada e dependente das tessituras do processo de criação num constante movimento de auto gestação, onde a obra, o processo e o artista tecem a escrita memorial e vice-versa.

A compreensão da potência criadora da escrita memorial e seu contínuo processo de movimento e invenção como moventes do processo de pesquisa e criação em artes foram primordiais para certos encaminhamentos de minha pesquisa do doutorado. Aportada neste contexto, passei a considerar a comunicação e expressão do processo de criação em diálogo com a construção de uma escritura memorial cuja dominante também é artística.

Com efeito, certos fatores contribuíram para um olhar mais cuidadoso em relação a feitura do memorial.

No começo dos estudos, algumas dificuldades de operacionalização surgiram devido não terem iniciado os momentos “práticos” com o elenco da CMD. Por momentos práticos refiro-me a atividades de experimentação, criação de movimentos, laboratórios criativos, ou seja, momentos de caráter mais coletivo e que geralmente assinalam o início e compartilhamento do processo de criação de uma obra cênica.

O distanciamento criativo do coletivo embotava decisões acerca de por onde começar, o que e como compartilhar o estudo.

Propus-me, então, adentrar no contexto pesquisado promovendo espécie de busca sensível para olhar seus contornos, escutar e compreender

dobras, fendas, coisas que pareciam estar mais latentes naquele momento. Inicialmente “sozinha” na pesquisa, buscava encontrar sentido e destaque em alguns aspectos da trajetória artística da Companhia Moderna de Dança intuindo que por meio destes aspectos o processo de criação da obra e de seu memorial seriam iniciados.

Considerando que a CMD possui mais de 15 anos de atuação anterior ao focalizado por meus estudos de doutorado, após refletir sobre quais aspectos encontravam-se nas entranhas da pesquisa, mesmo que subliminarmente, propus-me à identificação daqueles que fossem estimulantes e motivadores. Então, foram eleitos 6 indutores que começaram a me mover e a mover a pesquisa. A seguir elenco estes indutores.

**Invenção da dança imanente**  
**Despedida do espaço de criação**  
**Vasculhos sensíveis em UM e PLIÉ**  
**Invenção do projeto poético da CMD**  
**Laboratórios de criação da poética cênica**  
**Reconfiguração da CMD**

Ocorre que a maioria dos indutores elencados não convoca etapas de pesquisa focadas na experimentação com o corpo, isto é, momentos de laboratório e criação de movimentos e danças com a companhia. Tal situação instaurou-se também como uma opção de pesquisa.

Com efeito, instaurou-se a laboração do processo de criação da obra em sua dominante mais teórica, e, por conseguinte, por meio de estreita ligação com a escritura memorial. Isto sinalizou para um início de processo criativo cuja ênfase tem se dado na produção teórica em/de processo de criação em dança e não em ensaios e laboratórios práticos com o corpo.

A partir de então, tenho buscado acessar “coisas”, tangenciando, adentrando, (re)conhecendo a CMD tomando como referência primeira minhas subjetivações neste contexto artístico, como forma de conceber uma escrita processual, fluida e eminentemente conectada a todas as nuances do processo.

Tal postura já indica pistas da metodologia da pesquisa, posto que considero que “A metodologia nesse caso deve ser pensada não como a

aplicação de modelos ou de técnicas, mas como epistemologia; como estudo dos processos investigativos e as possíveis relações destes com as especificidades do objeto de pesquisa em questão” (GONÇALVES, 2009, p. 139).

Coadunando a impossibilidade de iniciar os estudos de doutorado com experimentações cuja dominante fosse eminentemente prática, as reflexões que seguem abaixo destacam alguns recortes de diálogos que também promoveram reordenamento estrutural da pesquisa em face aos 6 indutores elencados, tomando como relevantes a escritura memorial do processo de criação.

“Não estou preocupada no como fazer, mas em fazer”.

“Memorial como congelamento do processo”.

“Deixar pistas para o futuro”.

“Deixar pistas de mim”.

“A escrita memorial também é processo de criação”.

“Minha matéria é entrar numa sala de ensaio com corpos”.

“Minha matéria hoje é a escritura”<sup>3</sup>.

Diante do exposto, considero que a pesquisa tem possibilitado o descortinar das potências criadoras da escrita memorial a partir da escolha dos indutores que julguei estarem atrelados aos primeiros devaneios do processo de criação da poética cênica da CMD em processo e, sobretudo, após a relação dos indutores com a ideia de movimento.

Os 6 indutores foram renomeados de movimentos de processo inspirados na noção de movimento, tão cara ao corpo e a dança. Os movimentos de processo são peculiares à minha pesquisa de doutorado e tão somente a ela. Estão conectados com suas idiosincrasias e com as minhas também. Como o próprio nome sugere, suscitam que além de moverem os caminhos do processo de gestação da obra por vir, indissociavelmente movem a gestação do material escrito concernente a este processo/obra.

Por escolher “não dançar” e produzir a pesquisa junto ao coletivo da CMD durante o primeiro ano do doutorado, a produção teórica da escritura

---

<sup>3</sup> As frases destacadas são de diálogos aleatórios e pertencentes ao contexto das discussões nas turmas de disciplinas optativas cursadas no segundo semestre do curso de doutorado. A não identificação dos “autores” das frases é proposital e busca enfatizar apenas o caráter de descoberta de um momento focado na escrita memorial como processo de criação.

memorial ganhou destaque e tomou um caráter de escritura em movimento, a qual considera a sua gestação inventando movimentos e esta invenção sendo fértil para a invenção da própria natureza da escritura. Observa-se, pois, a indissociabilidade destas ações de pesquisa, onde a invenção de movimentos de processo já é o processo de criação da obra e o processo de criação da escrita memorial num contínuo de retroalimentação.

Vale destacar que a ideia de propor estreita conexão da escritura com a ideia de movimento não é aleatória. Optei por me mover em escrita. Fazer mover minha escrita. Encontrar movimentos de escritura. Produzir uma escrita dançada. Inventar movimentos de escritura. Dançar na escrita. Ser a artista da dança em movimento também nas minhas escrituras em dança. Ou seja, encontrar formas de materializar tais possibilidades.

Assim, proponho relações íntimas entre corpo, dança, movimento e escrita, compreendendo que “Como numa Banda de Moebius, escrita e sujeito mantêm, assim, uma relação de interioridade/exterioridade que não opõe um ao outro, mas antes os conjuga, continuamente, em movimentos que aparentemente se alternam” (BRANCO, 2011, p. 65). Coadunando ao exposto,

Ao escrever, preenchemos vazios com nossos próprios desejos, muitas vezes com coisas que não estão e nunca estiveram presente, num processo de supervalorização de certas passagens e apagamento de outras. Mesmo quando escrevemos sobre nossos próprios trabalhos, derramamos palavras sobre corpos que já se foram há muito tempo, pois o corpo não é um objeto estável como uma escultura de mármore, ele se transforma a cada segundo em função dos encontros com o mundo. (MORAES, 2013, p. 15).

Como dito anteriormente, em face às múltiplas possibilidades de escritura memorial no ppgartes, as quais dependem apenas de cada processo e de seu respectivo pesquisador, propus aplicar a palavra movimento por meio do emprego do termo movimentos de processo emergidos em minha pesquisa, os quais estão colados, são, os movimentos de uma escritura em movimento.

A natureza da escritura memorial vista pela perspectiva de sua potência inventiva opera com a possibilidade de estar sempre em contínuo movimento, inventando, descobrindo e revelando novos caminhos, escolhas, movimentos,

ao longo do processo, assim como na dança. Os movimentos do processo são eles mesmos movimentos de uma escritura em movimento.

Observa-se que a noção de movimento passa a ser estímulo não somente para laboratórios de pesquisa, improvisação e criação em dança com os quais lidamos frequentemente nos espaços de experimentação cênica. Ela é incorporada também como eixo da materialização de uma escritura. Sem dissociação de movimento, corpo, dança e escrita.

Por mais estranho que possa parecer para nossas mentes cartesianamente formatadas, a escrita começa no movimento [...]. Começamos a escrever a partir daquilo que flui como movimento, e que pouco a pouco se define como elemento-eixo da pesquisa, a partir de uma organização ainda não conhecida, própria do então sujeito (ex-objeto) de pesquisa. [...]. O importante é que esse elemento-eixo não é definido a priori, mas flui do corpo que articula teoria e prática ao mesmo tempo, numa organização flexível [...]. Assim, não nos limitamos a paradigmas (estabelecendo-os ou rompendo-os), mas criamos a abordagem própria de cada obra de arte (FERNANDES, 2008, p. 02).

Os caminhos presentes no processo de criação desta pesquisa em artes vêm operando com a ideia de movimento como estímulo criativo para pausas, inversões, desvios, acréscimos. Busca-se a maleabilidade e o devaneio autorizados por meio da lógica e do caos inerentes à própria pesquisa, neste caso, uma pesquisa em dança. Logo, a dança é aqui vislumbrada também como metáfora para a escritura de um texto poético, tão inventado, inventivo, movido e motriz de movimentos quanto o movimento gerado pelo corpo humano na dança.

Dançar, nesse sentido, é pensar com o corpo. O corpo pode encontrar sua poética própria nas suas texturas, flutuações e invenções. Não encontra a manipulação de um material pré-existente, mas a invenção dessas novas matérias. A experiência do corpo se define assim por sua singularidade. Vê-se o invisível, entende-se o inaudível, sente-se o insensível. Esse corpo inseparável do pensamento é fluxo de energia que pratica os limites da vida. Corpo e pensamento encontram-se, pois, em uma embriaguez que vai da lentidão ao delírio, do abandono hipnótico a uma espécie de furor. (MUNHOZ, 2011, p. 27).

## **A escritura memorial: da dança imanente à escritura-dança**

*Qualquer corpo  
Corpo em movimento  
Qualquer movimento, não o movimento qualquer  
Processo de invenção de movimentos e movimentos de invenção  
Produção, expressão e leitura de movimentos em dança  
Dança  
Dança imanente*

*Escritura*  
*Escritura em movimento*  
*Qualquer escritura, não uma escritura qualquer*  
*Processo de invenção de movimentos e movimentos de invenção*  
*Movimentos de escritura de uma escritura em movimento*  
*Escritura-dança*  
*“Uma dança cujo gesto é a palavra<sup>4</sup>”*

O termo escritura-dança lança mão da ideia de escrita em processo, em movimento, e sem a preocupação de obediência a códigos de escrita pré-estabelecidos academicamente, mas de acordo com aqueles inerentes às camadas do processo criativo em dança pesquisado. A proposição da escritura-dança encontra justificativa basicamente em dois pontos:

1- A ausência de exigência de formato padrão na estrutura do memorial, opção dada ao pesquisador (mestrando/doutorando) partícipe da linha 1 do ppgartes.

2- A ausência de códigos e padrões pré-estabelecidos para os corpos, os movimentos, os processos, os procedimentos e as obras na Companhia Moderna de Dança.

Em relação ao primeiro ponto, este fora tratado nas páginas iniciais deste artigo. Ocorre que este ponto também se encontra imprescindivelmente conectado a práxis artística da CMD, a dança imanente. Instaurada nos processos da companhia por volta de 2005, a dança imanente

[...] vale-se das particularidades e histórias de vida de quem a dança e, logo, é construída pelos seus próprios praticantes, tidos, portanto, como matéria prima para a criação artística. Não há, nesta perspectiva, uma técnica de dança pré estabelecida, mas sim uma construção técnica dada a partir de estímulos gerados pelo coreógrafo, os quais podem advir ou não de padrões técnico-corporais pré existentes em dança. [...]. Nesse sentido, a criação do movimento a ser dançado é como uma coleta de dados que, após selecionados individualmente por cada dançarino, são compartilhados e editados naquilo que se torna a coreografia. Trata-se, portanto, de um fazer que se constrói coletivamente, refletindo a interdependência dos participantes no processo de criação. (MENDES, 2016, p. 2098).

---

<sup>4</sup> Esta escritura consta no memorial da pesquisa e versa um pouco sobre os agenciamentos e cruzamentos da proposição da escritura-dança com a práxis da dança imanente, com destaque para os termos movimento, dança, corpo, palavra, escritura e invenção que juntos sinalizam um entendimento de constantes afetações na criação da escrita e da dança em pesquisa.

A dança imanente, ao considerar o corpo como imanência, instaura o conceito de corpo imanente que na companhia carrega consigo uma das características principais do trabalho, o fazer coletivo. Por meio do coletivo considera-se não somente o estar junto como mecanismo de oposição ao fazer individual, solitário. O fazer em companhia lança mão da possibilidade de atravessamentos e agenciamentos de afetos múltiplos do corpo em vida e, por conseguinte, em processo de criação. O corpo disponível para viver no coletivo.

Entendendo o corpo como eterno devir e em eterno estado de afetar e ser afetado, a dança imanente vale-se da ideia de ser uma dança devir, por ser uma dança que brota do corpo que dança se encontra atrelada a processos constantes de invenção do corpo, do movimento e da dança presentes nas particularidades de seus processos.

A escritura-dança surge, pois, vinculada sobremaneira à noção de dança imanente, emergindo como forma de instigar e exemplificar acerca de uma escrita particular de processo criativo em dança inspirada na invenção e combinação de movimentos surgidos na medida em que o processo se desenvolve, ou seja, uma escritura implicada nas particularidades da pesquisa e nas idiosincrasias do pesquisador.

Deste modo, os movimentos do processo acabam por inventar não somente os procedimentos e caminhos da pesquisa em dança imanente em sua dominante prática (corporal), como também inventam suas próprias estruturas, procedimentos, caminhos, formas, movimentos de materialização e comunicação do texto escrito, aqui chamado de escritura. “Então, de fato, a escrita no papel não é tão distante do movimento no espaço. Ambos são conectados pelo corpo”. (FERNANDES, 2011, pg. 02).

A escritura-dança também encontra inspiração na abordagem de MUNHOZ (2011, p.23) acerca do pensamento-dança. Segundo a autora, um pensamento-dança “Trata-se, pois, de um pensamento que vem se apresentar sob a forma de dança e que faz viver o corpo em pensamento. De um pensamento-dança que se encontra na fluidez dos movimentos”. Ainda a este respeito, a autora ressalta que

Um pensamento-dança então é capaz de experimentar a sua potência como uma estratégia de burlar o tempo, de aproximar a vida e a arte, de resistir às estratificações. Ao contrário de qualquer gesto estagnado, receita ou bula, essa força-movimento é sempre produtora da diferença, do novo, do múltiplo. É nesse sentido que o pensamento dança é muito mais um estilo, uma forma de habitar o mundo que implica em leveza, intensidades, velocidades e repousos, vertigens, mapas, errâncias. E não parece haver bússola melhor para nos guiar nesse território nômade do que aquela que nos ajude a perder os gonços (MUNHOZ, 2011, p. 29).

Em face do exposto, entremeio a ideia de escritura memorial em/de processo com a noção de dança imanente e de pensamento-dança a fim de propor uma visão de pesquisa em constante movimento e, por isso, em movimento de criação. Importante destacar que este movimento, este constante devir, só encontra sustentação por meio da relação entre pesquisador e pesquisa.

Dança, corpo, pensamento e escrita são atravessados pela noção de movimento, o que permite pensar na materialização de um processo de criação em dança sob a forma de uma escritura-dança, a qual enquanto se movimenta, se inventa, se dança. “Como ‘passagem de vida’, ou de ‘uma vida’, como tão bem a definiu Gilles Deleuze, a escrita é ‘inseparável do devir’. Por isso ‘é um processo, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido’” (BRANCO, 2011, p. 61).

É na combinação de movimentos (e não movimentos) que se materializa a dança. Na escritura-dança de cada movimento de processo também venho propondo movimentos, ações que se combinam e geram uma escrita particular e própria da minha pesquisa.

Uma escritura com combinação de pausas, retornos, avanços, particularidades, coletividades. Com imagens, palavras, poesia...tudo o que o processo convocar. Geração de movimentos em uma escritura tão inventada quanto os movimentos na dança imanente que encontram estímulos e coerência nas próprias idiossincrasias dos corpos partícipes dos processos e obras da companhia. Neste contexto, pode-se

Dançar o corpo, o pensamento, a escrita. Dançar a vida. Um pensamento corporal e dançante escapa a rigidez do pensamento estratificado, linear, arbóreo. Feito de pausas, ritmos, imagens, silêncios, gestos, vozes, pensamento

que se experimenta. A cada passo, um novo pensamento. A cada gesto, uma nova imagem. No entrelaçamento entre a dança, o corpo e a escrita, o pensamento se desnaturaliza. A escrita possui um corpo, este corpo dança, este corpo que dança pensa, aquilo que pensa é um corpo, a vida dança. A própria variação posta em variação produz outros sentidos, expondo o conceito à sua própria exterioridade, variando no seu outro, na relação com algum paradoxo, alguma imagem, alguma cintilação. São corpos-pensamentos que se lançam para fora da gravidade e vão criar linhas de fuga para liberar-se da forma. Misturam-se, movimentam-se, relacionam-se, são afetados por ações e paixões, são interceptados por fluxo. Nessa possibilidade de pensamento, criam-se espaços, inventam-se planos, perfuram-se certas espacialidades. (MUNHOZ, 2011, p. 24).

## **Considerações em processo**

A escritura-dança surge em meio ao contexto de liberdade criativa da dança imanente bem como da escrita memorial.

No caso específico de minha pesquisa de doutorado, as primeiras escrituras começaram a aparecer quando houve a definição dos seis movimentos de processo apresentados anteriormente. Tenho tateado formas de escrever. Formas possíveis não de “dar conta” do processo criativo em dança, mas, minimamente capazes de emergir deste e serem o próprio processo, sem apartar possibilidades de escritura em virtude de academicismos e normas.

A escritura-dança não se quer uma nova categoria de escrita. Pelo contrário. Ela vincula-se sobremaneira ao meu ato de pensar-fazer pesquisa em dança dentro e fora da universidade e vem me ajudando a produzir relações mais prazerosas, dançantes, na produção teórica em dança. Muito mais do que certezas, aparecem dúvidas, como de costume. Estas incertezas provocam ainda mais o jogo com o inusitado, a escuta alerta e vagante e alguns desmantelamentos das tensões entre criação teórica, escrita e artística.

O presente artigo visa instaurar o olhar reflexivo à ideia de memorial como processo intrínseco e indissociável às nuances do processo de pesquisa em artes do programa de pós-graduação em artes da UFPA. Afirmo que, muito mais do que apresentar as atuais configurações daquilo que venho nomeando de escritura-dança de um processo de criação com a Companhia Moderna de Dança, desejo instigar o leitor, e a mim mesma, a perceber e incorporar a poética da escrita de processo de criação apontando suas potencialidades de

materialização por meio dos elementos visuais inerentes às condições de comunicação e expressão do contexto pesquisado.

### **Referências bibliográficas:**

BRANCO, Lucia Castello. **Chão de letras: as literaturas e a experiência da escrita**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

FERNANDES, Ciane. **Entre Escrita Performativa e Performance Escritiva: O Local da Pesquisa em Artes Cênicas com Encenação**. In: Anais do V Congresso da ABRACE. 2008.

GONÇALVES, Flávio. **Um argumento frágil**. Revista Porto Arte: Porto Alegre, V. 16, Nº 27, novembro/2009.

MENDES, Ana Flávia. **Coreofotografia: a sacralização do corpo que dança**. In: Anais do IX Congresso da ABRACE. 2016.

MORAES, Juliana. **Dança: frente e verso**. São Paulo: Editora Nversos. 1ª edição. 2013.

MUNHOZ, Angélica Vier. **Imagens de um pensamento-dança**. Caderno pedagógico, Lajeado, v. 8, n. 1, p. 23-30, 2011.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998.